

*Pássaros na boca e
Sete casas vazias*

F [!] * S F * R *

SAMANTA SCHWEBLIN

***Pássaros na boca e
Sete casas vazias***

Contos reunidos

Tradução
JOCA REINERS TERRON

PÁSSAROS NA BOCA

- 9 Irman
19 Mulheres desesperadas
30 Na estepe
39 Pássaros na boca
51 Perdendo velocidade
54 Cabeças contra o asfalto
66 Rumo à alegre civilização
81 O cavador
86 A fúria das pestes
90 Sonho de revolução
95 Matar um cão
100 A medida das coisas
108 A verdade sobre o futuro
117 A mala pesada de Benavides
142 Conservas
150 Meu irmão Walter
154 Papai Noel dorme em casa
161 Debaixo da terra

SETE CASAS VAZIAS

- 175 Nada disso tudo
188 Meus pais e meus filhos
197 Acontece sempre nesta casa
202 A respiração cavernosa
250 Quarenta centímetros quadrados
257 Um homem sem sorte
267 Sair

Pássaros na boca

O AUTOMÓVEL DE SILVIA estava estacionado em frente à casa, com os faróis acesos. Fiquei parado, pensando se havia alguma possibilidade real de não atender à campanha, porém dava para escutar o jogo na casa toda, então desliguei a tevê e fui abrir.

“Silvia”, eu disse.

“Oi”, ela disse, e entrou sem que eu pudesse lhe dizer alguma coisa. “Temos que conversar, Martín.” Apontou minha própria poltrona e eu obedeci, porque às vezes, quando o passado bate à porta e trata a gente quase como há quatro anos, volto a ser um imbecil. Ela também se sentou.

“Você não vai gostar. É... é barra”, olhou o relógio. “É sobre a Sara.”

“Sempre é sobre a Sara”, eu disse.

“Sua filha tem sérios problemas. Você vai dizer que estou exagerando, que sou uma louca, todo esse papo, porém não temos tempo para isso. Venha até minha casa agora mesmo e vai ver com os próprios olhos. Falei que você iria. Sara está esperando.”

“O que está acontecendo?”

“Não vai levar nem vinte minutos. Depois não quero escutar que você não participa da vida dela e toda essa merda.”

Ficamos em silêncio por um momento. Pensei qual seria o próximo passo, até que ela franziu o cenho, levantou e foi em direção à porta. Vesti meu agasalho e saí atrás dela.

Por fora a casa parecia a de sempre, com o gramado recém-cortado e as azáleas de Silvia pendendo da sacada do quarto de casal. Cada um desceu de seu carro e entramos sem conversar. Sara estava sentada no sofá. Apesar de as aulas deste ano já terem acabado, ela vestia o uniforme da escola, que a deixava como essas normalistas pornôns das revistas. Estava em pé, com as pernas juntas e as mãos sobre os joelhos, concentrada em algum ponto da janela ou do jardim, como se praticasse um dos exercícios de ioga da mãe. Me dei conta de que, se antes era pá-lida e magra, agora transbordava saúde. Suas pernas e seus braços pareciam mais fortes, como se andasse fazendo exercícios havia meses. Seu cabelo brilhava, suas bochechas tinham um leve tom rosado, como se fosse pintado, mas era real. Quando me viu entrar, sorriu e disse:

“Oi, papai.”

Minha garota era realmente uma doçura, mas duas palavras eram suficientes para eu entender que algo ia muito mal com aquela menina, alguma coisa certamente relacionada à mãe. Às vezes penso que talvez devesse tê-la levado comigo, porém em geral penso que não. A alguns metros da tevê, próxima à janela, havia uma gaiola. Era uma gaiola para pássaros — de uns setenta, oitenta centímetros — dependurada no teto, vazia.

“O que é isso?”

“Uma gaiola”, Sara disse e sorriu.